

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS

JOICY CARVALHO DOS SANTOS

ESCRITAS SOBRE A CONDIÇÃO FEMININA:
Uma análise do romance *Niketche*, de Paulina Chiziane

Porto Alegre/RS

2015

JOICY CARVALHO DOS SANTOS

**ESCRITAS SOBRE A CONDIÇÃO FEMININA:
Uma análise do romance *Nikette*, de Paulina Chiziane**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Ricardo Kralik Angelini

Porto Alegre/RS

2015

A todas as mulheres que um dia foram silenciadas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, melhor amiga e primeiro exemplo de feminista, que me ensinou a ser mulher, a observar e questionar o mundo a minha volta. Sem esses ensinamentos eu não teria chegado até aqui.

À memória de meu pai, exemplo de sensibilidade e simplicidade, que enquanto esteve comigo sempre me deu todo suporte que precisei para seguir meus sonhos.

A meu noivo pela compreensão, companhia e carinho em um momento tão importante.

A todos meus colegas de graduação, em especial a Gabriela Eduardo, amiga, que em nossas discussões descobrimos e construímos o significado de ser feminista.

À professora Maria Tereza Amodeo por me ensinar a ser pesquisadora com a sensibilidade de uma mãe, e por me mostrar que devemos sempre buscar uma sociedade mais justa independentemente dos obstáculos.

Ao professor Paulo Ricardo Kralik por acreditar em mim e lapidar minhas ideias para que esse trabalho fosse o melhor que pudesse ser.

*E te mascararam de esfinge de ébano,
amante sensual,
jarra entrusca, exotismo tropical,
demência, atracção, crueldade,
animalidade, magia...
e não sabemos quantas outras palavras
vistas e vazias.*

(Noémia de Souza)

RESUMO

O presente trabalho propõe-se analisar a condição da mulher moçambicana a partir do romance *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane. A autora é a primeira romancista mulher de Moçambique, em suas obras percebem-se elementos do cotidiano feminino das africanas. Em *Niketche*, a personagem Rami descobre fazer parte de uma família polígama, e a partir disso, conscientiza-se de sua posição na sociedade. Rami torna-se uma questionadora e, aos poucos, conquista aliadas para modificar o meio em que vive. Esse comportamento caracteriza-a como feminista e faz da personagem uma representação das mulheres inconformadas com a subalternidade na África. As principais teóricas utilizadas na análise são Judith Butler, Elaine Showalter, Teresa de Lauretis, Gayatri Spivak cujas obras auxiliam na compreensão do movimento feminista ocidental. Para a análise do feminismo negro pós-colonial utiliza-se Oyeronke Oyewumi, Awa Thiam, Robert Badou Koffi, Sunday Bamsile, Calixthe Beyala, Werewere Liking.

Palavras-chave: Feminismo. Niketche. Moçambique.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the condition of the Mozambican woman from Paulina Chiziane's *Niketze: uma história de poligamia*. The author is the first novelist woman from Mozambique, and it is possible to see elements from female routine of African women. The Niketze, the character Rami discovers to be part of a polygamic family, and due to this, she wakes up to question her position in society. Rami becomes a questioning woman and little by little she conquers allies in order to change the place she lives. This behavior characterizes her as a feminist, and it makes the character represent women who are nonconformists concerning subalternity in Africa. The main theorists studied in this analysis are Judith Butler, Elaine Showalter, Teresa de Lauretis, Gayatri Spivak whose pieces of work help in the understanding of the Occidental feminist movement. To analyse post-colonial black feminism the studied authors are Oyeronke Oyewumi, Awa Thiam, Robert Badou Koffi, Sunday Bamisile, Calixthe Beyala, Werewere Liking.

Keywords: Feminism. Niketze. Mozambique.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ENTRE O FEMINISMO E O AFRICAN WOMANISM	11
2.1 TEORIZAÇÕES FEMINISTAS OCIDENTAIS	11
2.2 FEMINISMO AFRICANO: UM DISCURSO UNIVERSAL	23
3 NIKETCHE: TRANSGREDINDO A TRADIÇÃO	31
3.1 A CONTADORA DE HISTÓRIAS	31
3.2 RAMI: A VOZ DAS MOÇAMBICANAS	33
4 CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Pesquisar acerca da condição feminina é compreender de que maneira as relações de poder entre gêneros são construídas. Esse objetivo aliado ao de investigar a cultura moçambicana através da literatura compõem a proposta deste trabalho. Para tanto, realizamos uma leitura analítica da obra *Niketché: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane.

As construções sociais impõem à mulher uma posição de marginalidade, tanto no âmbito político e social, quanto no literário. Essa condição é explicada pelos discursos androcêntricos proferidos ao longo da história humana que sentenciam a mulher como algo misterioso, sensível, incapaz de criar um conteúdo de relevância. Esse enunciado poderia não ser problemático se fosse atribuído para ambos os gêneros. No entanto, não é o que acontece. Essas manifestações são utilizadas para deslegitimar o discurso exclusivamente feminino, criando o falso entendimento de que os homens têm mais competência para algumas tarefas do que as mulheres.

O poder que os homens têm sobre as mulheres acontece sutilmente, é uma construção antiga que está enraizada em nossa cultura. De modo que a desconstruir não é um processo fácil ou até mesmo compreendido por muitas pessoas. As mulheres também proferem pensamentos machistas e auxiliam na criação desse sistema patriarcal. Entretanto, esse comportamento é resultado de uma apropriação do discurso, isto é, o oprimido age como o opressor a fim de se sentir superior a outros como ele.

Essas relações são presenciadas no romance de Paulina Chiziane. *Niketché* é narrado por Rami, personagem que ao se descobrir em família polígama, revolta-se com seu marido. Ela, ao perceber que Tony tinha mais quatro mulheres, sai em busca de vingança atrás de Julieta, Mauá Sualé, Saly e Luísa. No entanto, Rami compreende aos poucos que suas rivais, na verdade, são suas aliadas em uma causa maior. A personagem, ao longo da narrativa, enxerga que o problema é Tony, representação da sociedade patriarcal de Moçambique. A partir das experiências vividas ao lado de suas rivais, como Rami as chama ao longo do romance, testemunhamos as diversas situações em que a narradora questiona e problematiza essa cultura. Por vezes, também presenciemos o comportamento do opressor sendo reproduzido por Rami, o que demonstra o quão cruel é a estrutura desse sistema.

Para fazer essa análise utilizamos algumas teóricas feministas ocidentais que discorrem sobre a constituição do sistema patriarcal, entre as quais estão Elaine Showalter, Judith Butler, Rita Schmidt, Gayatri Spivak. A fim de compreender os mesmos discursos na África, consultamos alguns teóricos dessa corrente, dentre eles estão Oyeronke Oyewumi, Awa Thiam, Robert Badou Koffi, Sunday Bamisile, Calixthe Beyala, Werewere Liking.

No primeiro capítulo, que está subdividido em duas sessões, sendo a primeira intitulada *Teorizações feministas ocidentais*, e a segunda *Feminismo africano: um discurso universal*, foram abordadas as teorias feministas que embasaram a análise da obra de Paulina Chiziane. A primeira sessão enfatiza as abordagens ocidentais e a maneira como surgiram as discussões feministas no âmbito acadêmico na década de 70. Já na segunda sessão apresentamos teóricos africanos que problematizam as concepções dos ocidentais acerca do feminismo, e demonstram como essa teoria foi apreendida na cultura africana.

No segundo capítulo, também dividido em duas sessões, intituladas respectivamente *A contadora de histórias* e *Rami: a voz das moçambicanas*, apresentamos primeiramente o contexto em que a autora criou sua obra e as suas percepções sobre a cultura de Moçambique. E, por fim, fazemos a análise da personagem Rami, personificação da inconformidade com a condição feminina moçambicana, a luz das teorias feministas.

2 ENTRE O FEMINISMO E O AFRICAN WOMANISM

As mulheres são excluídas da história mundial, e isso reflete na cultura, basta analisarmos o comportamento das pessoas a nossa volta. Se um homem e uma mulher vão a um restaurante, a quem a recepcionista cumprimentará? A quem o garçom oferece a conta no momento do pagamento? Por que as mulheres se sentem mais seguras na presença masculina? Será que ela é dependente ou são as pessoas que não a respeitam quando ela está caminhando sozinha à noite? Quanto a literatura, nosso objeto de análise, notamos que são poucas as produções femininas, o que nos leva a questionar se realmente as mulheres não produziram nada que merecesse destaque na história da humanidade.

São várias as situações que demonstram quem tem o poder em nossa sociedade. Compreender essas relações e o porquê esse processo acontece é buscar retirar as mulheres dessa posição imposta há tantos anos. Nesse capítulo buscaremos compreender o processo que levou as mulheres à marginalidade a partir das teorias feministas. E ainda elucidaremos a maneira como essas concepções foram compreendidas no ocidente e na África.

2.1 TEORIZAÇÕES FEMINISTAS OCIDENTAIS

Ninguém nasce mulher, torna-se mulher.

(Paulina Chiziane, 2002, p. 35)

A necessidade de colocar a mulher como centro das discussões sociais vem sendo edificada há alguns anos. Em uma sociedade patriarcal, dar voz à mulher, sujeito cujas ideias são marginalizadas e pouco interessantes nos estudos acadêmicos, é uma tarefa árdua. No entanto, esse quadro mudou, e as críticas feministas surgiram como comprovação dessa mudança. Essas se renovam à medida que a sociedade evolui e surgem novos aspectos a serem discutidos.

Apesar de existirem inúmeras manifestações feministas, foi a partir da década de 70 que essas críticas foram “oficializadas”. O principal desafio dessas novas

conceptualizações era reformular a história repensando o lugar da mulher na sociedade. Para isso, era preciso que não se pensasse a partir de uma teoria masculina que, segundo Elaine Showalter (1994) em seu texto intitulado *A crítica feminista em território selvagem*, trata a experiência do homem como algo universal, deixando assim a mulher à margem da história. Com isso, a autora ressalta que seja pouco provável que se encontre um passado útil nas teorias androcêntricas para sustentar uma crítica feminista com foco na mulher, que dá voz ao feminino.

As teorias feministas buscam definir a identidade feminina. Dessa maneira, há várias correntes que o fazem por diferentes perspectivas. Existem três grandes linhas teóricas ginocêntricas: feminismo inglês, feminismo francês e feminismo americano. Cada uma dessas correntes tem um olhar diferente sobre a mulher. O primeiro trata da opressão masculina sobre o feminino na escrita; o segundo, de cunho psicanalítico, examina a repressão que a mulher realiza em seu subconsciente; o terceiro levanta as diferentes maneiras de expressão das mulheres.

Essas teorias tentam compreender quais são as diferenças das mulheres (em relação ao homem) em vários campos. Além das escolas feministas já citadas, Showalter (1994) apresenta quatro modelos de diferença: o biológico, o linguístico, o psicanalítico e o cultural.

Neste trabalho, a análise será construída a partir do modelo cultural feminista. Ainda assim, a fim de elucidar o processo de evolução das críticas feministas, retomaremos alguns desses modelos.

No modelo biológico, a anatomia interfere na produção escrita. Estudiosos acreditavam que apenas os homens poderiam criar bons textos, pois a caneta, que produz o texto, assemelha-se ao pênis. E a partir disso, eles concluíam que era impossível para as mulheres produzirem textos criativos. Além desse aspecto, eles afirmavam que os lobos frontais do cérebro masculino eram mais pesados e desenvolvidos, inferindo assim que as mulheres eram menos inteligentes. As feministas que seguem esse modelo consideram essas analogias interessantes para a reflexão de que o corpo interfere na escrita, pois as diferenças anatômicas que as mulheres têm dos homens é a fonte para a produção feminina. A imaginação presente nos textos das mulheres, para as biocríticas, provém da anatomia. Showalter avalia esse modelo da seguinte maneira:

Os temas da diversidade e do corpo emergem juntos, porque a diferença mais visível entre homens e mulheres, e a única que temos certeza ser permanente, é de fato a diferença no corpo. Essa diferença tem sido usada como um pretexto para 'justificar' o poder total de um sexo sobre o outro. O estudo da imagem biológica na escrita das mulheres é útil e importante na medida em que compreendemos que outros fatores além da anatomia estão envolvidos. (SHOWALTER, 1994, p. 35)

Já o modelo linguístico procura encontrar uma linguagem que seja apenas feminina, isto é, as mulheres não precisariam mais utilizar uma língua opressora, masculina. As teóricas dessa corrente acreditam que a linguagem utilizada pela mulher não pode representá-la, pois ela fala por uma língua estrangeira que restringe seu pensamento. Esse modelo está ligado à escola feminista francesa que, como já citado, analisa a repressão feminina. A ideia que se tem de linguagem feminina está bastante ligada ao que os homens determinaram para as mulheres há séculos. Tanto Showalter quanto Ruth Silviano Brandão ressaltam a existência dessa construção:

[...] o conceito de uma linguagem das mulheres não originou-se com a crítica feminista; é muito antigo e aparece frequentemente no folclore e no mito. Em tais mitos, a essência da linguagem das mulheres é o segredo; o que realmente está sendo descrito é a fantasia masculina da natureza enigmática do feminino. (SHOWALTER, 1994, p. 37)

Ruth Silviano Brandão, dez anos depois, em seu ensaio *Passageiras da voz alheia* ratifica a ideia de Showalter de que as mulheres são fruto do imaginário masculino.

A personagem feminina, construída e produzida no registro do masculino, não coincide com a mulher. [...] É, antes, produto de um sonho alheio e aí ela circula, nesse espaço privilegiado que a ficção torna possível. (BRANDÃO, 2004, p. 11)

Dessa forma, a idealização do feminino é um produto do imaginário masculino, ideia que perpetua até os dias de hoje. Uma ruptura com essas concepções, através da linguagem, é o que as feministas do modelo linguístico pretendem realizar. No entanto, não é um processo fácil, ou até mesmo possível.

Afinal, como ingressar no mundo acadêmico, por exemplo, sem que seja com a língua falada por todos (a opressora)? As mulheres serão compreendidas e comunicarão seus pensamentos a partir de uma linguagem falada somente por elas? Provavelmente não. Além desses questionamentos, Showalter (1994, p. 38) traz um dado relevante: os sistemas linguísticos não diferem de acordo com o gênero. Ou seja, homens e mulheres têm as mesmas condições de produzir uma língua, a comunicação é possível independente do gênero. As diferenças que foram encontradas não são significativas para se estabelecer uma linguagem puramente feminina. Quanto a esse modelo, Showalter (1994) conclui:

Devemos lutar para abrir e ampliar o campo linguístico das mulheres mais do que desejar limitá-lo. Os buracos no discurso, os espaços vazios e as lacunas e os silêncios não são os espaços onde a consciência feminina se revela, mas as cortinas de um "cárcere da língua". A literatura das mulheres ainda é assombrada pelos fantasmas da linguagem reprimida, e, até que tenhamos exorcizado estes fantasmas, não é na linguagem que devemos basear nossa teoria da diferença. (SHOWALTER, 1994, p. 39)

O modelo psicológico analisa a relação do eu feminino com o processo criativo de escrita. Estudiosos dessa corrente evocam a anatomia para explicar esses processos de escrita da mulher. Eles acreditam que a escrita feminina sofre com um complexo de castração visto que a falta do pênis, segundo os teóricos, é uma constante desvantagem feminina na produção literária.

O modelo baseado em Freud caracteriza os textos femininos como puramente eróticos, pois as mulheres, por serem reprimidas, têm seus desejos tolhidos de modo que isso reflete em sua literatura. Essa análise torna-se redutora, afinal não são todas as mulheres que produzem textos cujos temas são eróticos ou fazem parte de romances românticos. A conclusão da teoria psicanalítica é injusta e condiciona o pensamento de que toda a produção feminina será composta com romances românticos ou eróticos.

Apesar dessa análise, a crítica psicanalítica tem se renovado e avança na tentativa de compreender a literatura feminina. Showalter (1994, p. 42) apresenta um estudo recente desse campo. Trata-se da pesquisa de Nancy Chorodow que faz uma inversão da teoria de Freud. Isto é, em vez de analisar o feminino como algo

que sofre com o complexo de castração, a autora apresenta a construção do feminino em relação à mãe, que é referência nos primeiros anos de vida. A autora defende a tese de que o menino tem mais dificuldade de construir sua identidade, visto que ele está em constante negação com a sua referência materna; é preciso um reforço contínuo de que ele não é o feminino representado pela mãe. Enquanto que para a menina é mais fácil, de modo que ela tem sua identidade baseada na continuidade e identificação com a mãe.

Ainda que essa teoria aborde a construção de identidade masculina como algo penoso, ao consultar o artigo de Mara Coelho de Souza Lago compreende-se que essa identificação se dá até a interferência do pai, representante do sujeito masculino.

Na continuidade das identificações das filhas a suas mães e ao ambiente doméstico das mulheres, as meninas de Chodorow passam quase incólumes pelo Édipo. Essas meninas, no entanto, identificam-se com papéis sociais subordinados, pouco valorados, no desenvolvimento da estrutura da personalidade feminina, que a autora caracteriza como *relacional*, "menos individualizada, com limites do ego mais flexíveis", em contraste com a personalidade masculina, *posicional* - "[...] para os meninos e os homens tanto o problema da individualização quanto o da dependência tornam-se vinculados ao sentido de masculinidade ou identidade masculina". (LAGO, 2010, s/p.)

Além disso, o pai, segundo Showalter (1994, p. 43) também interfere na percepção da identificação de gênero e preferência sexual. Isto é, o gênero, concepção que veremos ao longo do trabalho, é construído culturalmente. O pai representa o masculino, superior, dominador. Essas características são absorvidas pela criança, que a partir de seu sexo, identifica-se ou não com o gênero do pai. Da mesma maneira, constrói-se a noção de preferência sexual, aqui ainda tratada como algo ligado ao sexo. A criança já compreende o que é culturalmente aceito, com base na figura paterna.

O modelo psicológico passou por avanços, mas ainda assim não considera aspectos relacionados à cultura, tais como, a construção da família em que as pessoas estão inseridas. Serão todas elas compostas por um casal heterossexual?

Na sociedade contemporânea sabe-se que não. Além da psicanálise, é preciso colocar essas situações em um contexto cultural.

Por fim, e o mais relevante para análise desse trabalho é o modelo cultural. Essa perspectiva transcende todos os outros modelos porque considera todas as diferenças culturais. Esse modelo faz uma análise da mulher na cultura em que está inserida, considerando aspectos como classe social, cor, nacionalidade e história. No início da abordagem, Showalter refere-se à historiadora Gerda Lerner que questiona o local da mulher na história universal.

As mulheres têm sido deixadas de fora da história não por causa das conspirações maldosas dos homens em geral ou dos historiadores homens em particular, mas porque temos considerado a história somente em termos centrados no homem. [...] Para retificar isto, e para iluminar áreas de escuridão histórica, devemos, por algum tempo, focalizarmo-nos uma indagação centrada na mulher, considerando a possibilidade da existência de uma cultura feminina inserida na cultura geral partilhada por homens e mulheres. A história deve incluir um relato da experiência feminina através do tempo e deveria incluir o desenvolvimento da consciência feminina como aspecto essencial do passado das mulheres. A questão central que ela levanta é: como seria vista a história se vista através dos olhos das mulheres e ordenada pelos valores que elas definem? (LERNER, 1981 apud. SHOWALTER, 1994, p. 45)

Lerner faz interpelações quanto à história geral, já demonstrando que a função da mulher na história é a marginalidade. Condiciona-se o olhar exclusivamente aos feitos masculinos, sem ao menos questionar se é realmente possível que as mulheres tenham passado séculos sem produzir nada que mereça destaque. Showalter inicia uma reflexão sobre como as escolas literárias são trabalhadas ao longo dos anos.

Visto que nossos conceitos de periodização literária são baseados nos escritos masculinos, os escritos femininos devem forçosamente ser assimilados a uma grade despropositada; nós discutimos sobre uma Renascença que não é uma renascença para as mulheres, um período romântico no qual as mulheres tiveram um papel muito pequeno, um modernismo com o qual as mulheres entram em conflito. Ao mesmo tempo, a história contínua da escrita das mulheres tem sido suprimida, deixando grandes e misteriosas lacunas em relatos sobre o desenvolvimento do gênero. (SHOWALTER, 1994, p. 51)

Essa indagação presencia-se também no artigo de Rita Terezinha Schmidt, intitulado *A história da literatura tem gênero?*. Nele, a autora discute esses mesmos aspectos voltando-se para a literatura.

[...] será que a história da literatura, aquela história monumental, concebida como uma narrativa linear e progressiva do que de melhor foi escrito tem gênero? Será que não tem? O gênero tem uma história literária? (SCHMIDT, 2013, s/p.)

Schmidt analisa a (não) história da mulher na literatura. A exclusão das mulheres, embora seja algo recentemente debatido, é algo construído há séculos. A autora traz como exemplo dessa construção a obra de Aristóteles, *Política*. Nela, o filósofo disserta sobre as classes sociais, mais especificamente duas delas: a classe dos cidadãos e dos escravos. Ainda que existam duas classes, dentro da classe dos cidadãos existe uma subclasse, não classificada por Aristóteles, a das mulheres. Aqui, mesmo que elas façam parte da classe livre, elas ainda são subordinadas ao homem e não têm direito de se expressarem na sociedade em que vivem. Mesmo que, como apontado por Schmidt, sem as mulheres a sociedade não existiria visto que elas são as procriadoras.

[...] ao falar de homem e mulher, categorias usadas em oposição à classe dos escravos, Aristóteles não deixa de afirmar a condição de superioridade do homem livre, pois é ela que lhe dá o direito e poder de mando, o que reduz drasticamente a liberdade das mulheres livres! A questão determinante da faculdade da razão emerge nas discussões sobre a alma, constituída de dois elementos, da racionalidade e da irracionalidade. (SCHMIDT, 2013, s/p.)

A autora elucida que os elementos, racionalidade e irracionalidade, referem-se historicamente ao homem e à mulher. A ideia de que a mulher é um ser irracional, puramente emocional, que não possui a capacidade de desenvolver o raciocínio para ter voz na comunidade, aparece frequentemente no discurso dos estudiosos do cânone acadêmico. A ratificação desses pensamentos está presente nos teóricos citados por Schmidt, sendo eles Derrida, Jacques Rousseau, Charles Darwin e Sigmund Freud.

Na leitura derrideana, a presença da mãe é garantida por uma imagem espectral que, entretanto, não constitui uma presença plena porque nela não há possibilidade da potência do discurso: é sombra, sem concretude e sem discurso. [...] Já no século XIX, Jacques Rousseau, no seu *Emílio*, concebe o sujeito feminino como sendo da ordem natural, uma condição intermediária entre criança e homem, da mesma forma que Charles Darwin concebeu o ser feminino em sua *Origens das Espécies*, visão não muito diferente da visão de Sigmund Freud que definiu a mulher como um homúnculo. (SCHMIDT, 2013, s/p.)

No artigo de Rita Schmidt compreende-se a exclusão literária da mulher cronologicamente. Nota-se uma constante repetição de ideias masculinas sobre o feminino que tornam a produção das mulheres historicamente menosprezada e, conseqüentemente, ignorada. A visão androcêntrica que condicionou as mulheres ao silêncio é citada por Elaine Showalter ao discorrer sobre o feminismo cultural:

Os grupos silenciados tanto quanto os dominantes geram crenças ou ideias ordenadoras da realidade social no nível inconsciente, mas os grupos dominantes controlam as formas ou estruturas nas quais a consciência pode ser articulada. Assim, os grupos silenciados devem mediar suas crenças por meio das formas permitidas pelas estruturas dominantes. Dir-se-ia de outra forma que toda linguagem é a linguagem da ordem dominante, e as mulheres, se falarem, devem falar através dela. (SHOWALTER, 1994, p. 47)

Retomando uma característica do modelo linguístico, Showalter reflete sobre como as mulheres têm sua linguagem limitada pelas regras impostas pelo sujeito masculino. Se não silenciadas, as mulheres devem falar por uma língua estrangeira, e ainda assim podem ser ignoradas. Isso ocorre quando se estuda o feminismo apenas por uma perspectiva: a da mulher branca, heterossexual e europeia. Dessa forma, o próprio feminismo acaba por silenciar outros grupos e culturas; a mulher negra, lésbica e de outras nacionalidades não têm seu espaço conquistado nas primeiras teorizações feministas. A partir da abordagem pelo modelo cultural, presencia-se uma modificação no panorama feminista.

Esse último modelo apresentado por Elaine Showalter passou por algumas alterações, mas sua base sempre seguiu os mesmos preceitos, dar voz a todas as mulheres, sem direcionar-se somente para a mulher branca heterossexual. Partindo dessa premissa, Teresa de Lauretis em seu texto *A tecnologia do gênero* discute

outras possibilidades de diferença, não sendo somente representada pelo binário: mulher x homem.

A primeira limitação do conceito de “diferença(s) sexual (ais)”, portanto, é que ele confina o pensamento crítico feminista ao arcabouço conceitual de uma oposição universal do sexo (a mulher como a diferença do homem, com ambos universalizados: ou a mulher como diferença pura e simples e, portanto, igualmente universalizada), o que torna muito difícil, se não impossível, articular as diferenças entre as mulheres ou, talvez mais exatamente, as diferenças nas mulheres. (LAURETIS, 1994, p. 207)

A discussão do feminismo torna-se mais abrangente. As mulheres deixam de significar apenas o oposto do homem e passam a expressar a pluralidade de suas possibilidades. Consideram-se os discursos de várias ramificações, antes ignoradas pelas teóricas feministas. Sendo assim, a mulher é considerada agora como um sujeito múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido (LAURETIS, 1994, p.208).

Apesar dessa visão globalizada feminista é preciso que se compreendam as particularidades de cada uma das ramificações estudadas nas críticas ginocêntricas. Em *As críticas ao gênero e a pluralização do feminismo: colonialismo, racismo e política heterossexual*, artigo publicado na revista Estudos Feministas, as autoras Claudia Mayorga e Alba Coura esclarecem a maneira como deve-se entender essa nova concepção do feminismo.

[...] a proposta de articulação entre gênero, sexualidade, raça, lugar de origem etc. não pode correr o risco de se transformar em uma posição ingênua a partir da proposição de uma simples somatória de opressões, mas deve, de forma radical, reconhecer as tensões e os antagonismos que marcam a emergência dessas categorias dentro e fora do feminismo, bem como suas consequências na vida e na organização das mulheres. (MAYORGA *et. al*, 2013, p. 465)

Dessa forma, percebe-se que as críticas feministas, ainda que tenham a mulher como centro de suas pesquisas subdividem-se em várias categorias de estudo. É pertinente salientar que, embora este trabalho investigue a posição da

mulher em Moçambique através do feminismo negro, é preciso que se faça uma explanação das subdivisões criadas nessa fase do feminismo para que se tenha um panorama do surgimento dessas discussões.

Dentre essas novas percepções, está o estudo sobre o gênero, no qual faz-se necessário uma leitura da teórica Judith Butler, que desconstrói a visão binária com que comumente se examina a sociedade. No entanto, antes de prosseguir na teoria de Butler, é preciso que se entenda a introdução do termo gênero na academia, visto que tem uma história interessante nos estudos feministas.

A substituição do termo “mulher” (estudos da mulher ou de mulheres) pelo de “gênero” (estudos de gênero) possibilitou a introdução de estudos sobre a mulher em espaços até então tidos como impenetráveis, pois gênero representava certo status e sofisticação às pesquisas, além de ter uma conotação mais objetiva e neutra. Desse modo, a utilização do conceito “gênero” foi importante para que o tema “mulher” fosse introduzido com maior facilidade pelos discursos androcêntricos e sexistas das instituições e nas relações sociais. (MAYORGA *et al.*, 2013, p. 468)

Posto isso, a introdução dos estudos de gênero no meio acadêmico só comprova a marginalização resignada à mulher. Estudar a posição feminina na sociedade era (e ainda é) visto como algo menor, ou sem importância para a construção dos conhecimentos sociológicos. Portanto, o feminismo encontrou uma maneira de introduzir essa linha de pesquisa no mundo teórico androcêntrico fazendo essa substituição.

Sendo assim, a teoria de Judith Butler é importante para a evolução das teorias feministas. Butler apresenta um novo conceito de compreensão da relação entre gênero, sexo e desejo. A autora desconstrói a ilusão do mundo em que as coisas são “ou isto ou aquilo”. Baseada no modelo cultural do feminismo, a teórica discorre acerca da identidade construída para pessoas de determinados gêneros, sejam masculinos ou femininos.

Butler afirma que o gênero é um constructo cultural, enquanto que o sexo é um fator biológico. O feminino ou o masculino, a partir de agora, são analisados intrinsecamente na cultura. A título de exemplo, observa-se que em uma sociedade patriarcal o feminino está ligado à fragilidade e submissão, desde a infância as mulheres são ensinadas a se reservarem e não exporem seus desejos. Esses

aspectos são repassados geração após geração como se fossem características biológicas da mulher, quando na verdade são uma construção machista para justificar preconceitos.

A autora declara que, apesar de o gênero ser uma construção social, o sexo é um fato axiomático. A ressalva que Butler faz quanto a leitura das pessoas sobre o sexo é a forma como ligam isso aos desejos. É possível que uma pessoa nasça com o órgão reprodutor masculino, tenha comportamento feminino e desejos culturalmente lidos como masculinos. A título de exemplo, temos a cartunista Laerte que, embora seja uma transgênero¹, em uma entrevista à revista Quem² não define seus desejos sexuais como masculinos ou femininos. O gênero, para Butler, não deve ser o destino de determinado sexo, e nem o desejo reflexo de um aparelho reprodutor. São três conceitos que devem ser analisados separadamente para que se desconstrua os binarismos: homem x mulher; feminino x masculino; macho x fêmea.

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. (BUTLER, 2003, p. 24)

Judith Butler aponta alguns questionamentos sobre o posicionamento da sociedade perante a construção de significado dos gêneros. Essa pesquisa é fundamental para a análise da representação da mulher subalterna como uma construção cultural, desmantelando as conotações biológicas e naturalizadas dessas características fadadas ao feminino. A partir dessa possibilidade propiciada por Butler, as feministas atentam para uma nova concepção do feminismo: as mulheres pós-coloniais.

¹ Pessoas que não se identificam com o aparelho reprodutor que nasceram.

² Entrevista concedida em 31/05/2015 (<http://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2015/05/laerte-nao-gosto-de-bater-o-martelo-e-dizer-sou-homem-sou-mulher.html>).

Gayatri Spivak, feminista indiana, apoiada em sua experiência, faz uma análise da mulher pós-colonial. As teóricas dessa corrente são como Spivak afirma sujeitos singulares e solitários porque estão duplamente deslocados, por serem mulheres e colonizadas em um espaço de não-colonizados. Acerca da mulher pós-colonial, Spivak alega:

A relação dessa figura com a produção acadêmica é complexa. Em primeiro lugar, ela é um objeto de conhecimento; em segundo, à maneira do informante nativo, sujeito de histórias orais, essa figura é incapaz de desenvolver estratégias em relação à nós; finalmente, a figura da mulher de classe subalterna é um sujeito/objeto imaginado no campo da literatura. (SPIVAK, 1994, p. 191)

Complementando as ideias da autora indiana, Claudia Mayorga (2013, p. 473) acrescenta a concepção de que é preciso que as mulheres pós-coloniais deixem de ser objeto de estudo e passem a ser a voz que constrói o discurso. A partir das experiências pessoais, elas teceriam um panorama da opressão vivida tanto pelo homem, como pelo homem/mulher ocidental.

Spivak questiona o porquê de o subalterno não poder falar. Os intelectuais fazem isso para ele porque esse sujeito não consegue alcançar uma posição de prestígio em que possa falar por si. Historicamente a mulher já sofre essa opressão, o feminismo é um movimento muito novo e ainda está aprendendo a falar por si. Essa evolução até então não era notada quanto ao colonizado. A autora Sandra Regina Goulart Almeida em seu texto *Intervenções feministas: pós-colonialismo, poder e subalternidade*, ao abordar a teoria de Spivak, acrescenta:

Como bem adverte Spivak, [...], é preciso estar atenta e consciente do papel que desempenhamos como intelectuais para que não caiamos na armadilha de falar pelo outro ou mantê-lo na subalternidade. Deve-se, ao contrário, realizar um trabalho efetivo e, principalmente, ético contra a subalternidade por meio de espaços de escuta qualificada para com o subalterno que não consegue falar porque não pode ser ouvido, sendo essa “responsabilidade [que] deve unir o chamado da ética a uma resposta. (ALMEIDA, 2013, p. 696)

Essa posição que Sandra Regina Almeida aponta de Spivak é pertinente para a produção que surge frente a esses questionamentos. O sujeito pós-colonial, a partir desse momento, deixa de ser objeto de estudo e passa a ter voz na construção

dos estudos feministas. Ainda que a produção seja escassa, é possível encontrar teóricos pós-coloniais que discorrem sobre a maneira como o feminismo é encarado nessas ex-colônias.

Sendo assim, apresentaremos alguns teóricos africanos que expliquem as concepções do feminismo negro africano. Além de compreendermos melhor a obra *Niketche* de Paulina Chiziane, ao apontar essas teorias, estaremos apresentando um cenário de produções que são consideradas inexistentes.

2.2 FEMINISMO AFRICANO: UM DISCURSO UNIVERSAL

A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte de nossa cultura, então temos de mudá-la.

(Chimamanda Adichie, 2013)

As mulheres pós-coloniais têm uma compreensão bastante diferente das teóricas ocidentais acerca do feminismo. Um exemplo prático que nos deixa clara essa diferenciação de pensamento é o fato de as feministas brancas lutarem pelo direito ao trabalho de todas as mulheres, que mulheres são essas? Afinal as negras já trabalhavam, como escravizadas há anos, mas trabalhar fora de casa já era uma realidade para as negras. Sendo assim, o principal questionamento das feministas negras e pós-coloniais é para quais mulheres o feminismo europeu e o americano estão lutando?

As feministas dos países ditos desenvolvidos trazem uma visão global sobre o feminismo que é recusado pelas críticas pós-coloniais. Elas veem a necessidade de as mulheres anunciarem de qual lugar estão falando, afinal o discurso de uma mulher, negra, pós-colonial, moçambicana será diferente da europeia e branca, por exemplo. Esse aspecto é apresentado por Robert Badou Koffi em sua dissertação de mestrado defendida na Universidade de São Paulo (USP) que analisa a consciência da subalternidade das africanas a partir do romance *Niketche*, de Paulina Chiziane.

O autor costa-marfinense apresenta um histórico das teorias feministas africanas, do qual faremos uso, tendo em vista a escassa visibilidade e,

consequentemente, tradução desses estudos no Brasil. Koffi traz um exemplo pertinente para compreender o olhar que as pós-coloniais têm do feminismo ocidental. Awa Thiam, escritora citada por Koffi, critica a maneira como Kate Millet, feminista europeia, trata do estupro em um congresso de mulheres em Paris. Millet em certo momento afirma que o estupro é para as mulheres o que é o linchamento para os negros, Thiam questiona:

Se o estupro é para as mulheres o que é o linchamento para os Negros, então o que seria o estupro das mulheres negras por homens negros? É necessário, para dissipar toda a ambiguidade da frase de Kate Millet, precisar que se trata de mulheres brancas, o que ela não faz. (THIAM, 1978, p. 154 apud. KOFFI, 2010, p. 19)

Segundo Thiam, o problema do discurso de Kate Millet é que ela não explicita o lugar de onde ela está falando, tornando o significado de mulheres global, e para as feministas pós-coloniais, excludente, afinal não considera as diferenças existentes entre as mulheres, aqui demarcada pela cor.

A partir desses questionamentos, podemos concluir que as africanas sofrem uma opressão mais severa, ou ainda uma tripla opressão, pois além de serem subjugadas por serem mulheres, são também negras e advindas de países subdesenvolvidos. Oyeronke Oyewumi, filósofa feminista nigeriana, em seu artigo intitulado *Tornando-se mulheres, ser invisível*³ ratifica essa conclusão:

Para as mulheres Africanas, a tragédia se aprofundou, pois a experiência colonial as jogou para o fundo de uma história que não era a delas. Deste modo, a posição nada invejável das mulheres europeias tornou-se delas por imposição, mesmo as mulheres europeias são superiores às Africanas porque sua raça é privilegiada. [...] Sejam quais forem os valores, história e sentido de mundo de qualquer grupo cultural em África, o governo colonial detinha o controle político e o “poder especificamente simbólico para impor os princípios de construção da realidade”. A realidade criada e aplicada foi a inferioridade dos Africanos e a inferioridade das mulheres. (OYEWUMI, 1997, p. 26)

Dessa maneira, a ideia de que há diferenças entre as mulheres e de que o lugar de onde elas falam interfere em suas percepções sobre o mundo é consensual

³ Texto traduzido por Aline Matos da Rocha em sua monografia apresentada para obtenção do título de licenciada em Filosofia pela Universidade de Brasília.

entre as feministas pós-coloniais. E apesar do discurso do feminismo europeu e americano ignorar esse aspecto por alguns anos, essa concepção já foi incorporada pelas intelectuais desses espaços.

Assim como outras linhas teóricas, o feminismo africano também vivencia a resistência de uma sociedade patriarcal. Existem dois discursos que marginalizam os ideais feministas: o nacionalista e o anticolonialista. O primeiro pensamento prega que as mulheres não devem seguir os princípios feministas, pois se trata de uma ideologia colonialista que surgiu para menosprezar a cultura africana e provocar a guerra entre os gêneros. O segundo acredita que relatar a condição da mulher com suas fragilidades e contradições é uma maneira de afirmar que o povo pós-colonial é desunido, fato que para o discurso anticolonialista é enfraquecedor.

Sendo assim, Awa Thiam, citada por Badou Koffi⁴ (2010, p. 23), afirma que “...mulheres negras precisam combater o colonialismo e neocolonialismo, capitalismo e o sistema patriarcal...”⁵. Embora essa luta devesse ser enfrentada por todas as africanas, algumas mulheres, assim como os homens nacionalistas, acreditam que o feminismo é um movimento que serve para desunir o povo, apoiado na ideia de guerra dos gêneros. Por este motivo, elas não se denominam feministas e tratam esse rótulo como algo que fere sua cultura, até mesmo a escritora Paulina Chiziane recusa esse título. Em uma entrevista para o programa *A Páginas Tantas*, do canal TDM de Macau, a escritora moçambicana afirma não aceitar esses rótulos europeus.

[...] A minha história é igual a de muitas mulheres. Isto é, quando eu cresci, vivi sempre ao lado de outras mulheres mais velhas e das minhas amigas porque não me era permitido um mundo de mistura com o masculino. Quando fui para escola, fui para a escola feminina; quando me casei, fui para cozinha. Então tudo o que eu sei na vida é somente a vida das mulheres. Eu quando escrevo, escrevo a condição da mulher, sim. Mas não no feminismo tradicional, europeu, nada disso. Eu conto histórias de mulheres porque sou mulher, pronto, só isso. É a única coisa que eu sei. (CHIZIANE, 2013)⁶

⁴ KOFFI, Robert Badou. A consciência da subalternidade: trajetória da personagem Rami em Niketche de Paulina Chiziane. São Paulo: 2010.

⁵ Tradução minha: “...black women have to combat colonialism and neo-colonialism, capitalism and the patriarchal system...”.

⁶ Transcrição de entrevista concedida ao canal TDM de Macau. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=yYlWtJ7afJA.

Chiziane verifica seu papel como mulher africana, especialmente a partir do espaço de onde vem. Ela continua:

[...] Eu sou do sul de Moçambique, da região de Gaza, uma região patriarcal por excelência. Os homens partem para trabalhar na África do Sul desde muito cedo e só regressam a casa de vez em quando. Ora, quem toma conta e socializa as crianças e educa são as mulheres, mas a educação que essas mulheres dão é uma educação masculina. É interessante. Portanto, a nível de país, eu venho de uma sociedade mais machista do país e quem nos educa para o machismo são as mulheres. Portanto, perante esse espanto, eu questiono em algum dos meus livros o porquê de ser-se mulher e ser-se machista. (CHIZIANE, 2013)⁷

Outra escritora africana que, embora aceite a denominação feminista, aponta a problemática de ser feminista na África, é Chimamanda Ngozi Adichie. Em uma conferência intitulada *Nós deveríamos todos ser feministas*, apresentada para o canal TED, a nigeriana relata:

Eu escrevi um romance sobre um homem que, entre outras coisas, batia na sua esposa e cuja história não termina muito bem. Enquanto eu estava promovendo o romance na Nigéria, um jornalista, um homem legal bem intencionado, me disse que queria me aconselhar. [...] Ele me disse que as pessoas estavam comentando que meu romance era feminista, e seu conselho para mim era que eu nunca devia me intitular feminista porque feministas são mulheres que são infelizes porque elas não conseguem encontrar maridos. Então eu decidi me intitular “uma feminista feliz”. Então uma universitária nigeriana me disse que o feminismo não era nossa cultura, que o feminismo não era africano, e que eu estava me intitulando feminista por que fui corrompida por “livros ocidentais”. Em algum momento eu era “uma feminista africana feliz que não odeia homens, e que gosta de gloss labial, e que usa salto alto por ela mesma, não para os homens. (ADICHIE, 2014)⁸

A conotação da palavra feminista tornou-se sinônimo de mulheres mal amadas e que buscam discórdia entre gêneros, e ainda, tentam ser o menos femininas possíveis. A partir do relato dessas duas escritoras podemos notar a forma pejorativa com a qual o feminismo é depreendido na cultura africana.

⁷ Transcrição de entrevista concedida ao canal TDM de Macau. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=yYlwTj7afJA.

⁸ Transcrição de conferência realizada no canal TED. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc.

Embora as africanas⁹ não aceitem essa denominação, elas compreendem que na sociedade em que vivem são subalternas e que a condição da mulher precisa evoluir bastante. Muitas dessas mulheres são feministas, pois afrontam o silenciamento imposto a elas cotidianamente. A posição que elas tomam ao lutar contra o sistema patriarcal muitas vezes é julgada como insuficiente pelas feministas brancas. Um dos aspectos esquecidos por essas críticas ocidentais é que as africanas, devido a sua cultura, não têm alternativas de sobreviver sozinhas em países tão machistas. A revolta a esse sistema se dá de maneira sutil, muito semelhante ao feminismo vivenciado no Brasil. Os africanos aos poucos tornam-se conscientes dessa sociedade opressora.

Outra crítica que se faz ao feminismo ocidental é a maneira como examinam a experiência da mulher de terceiro mundo. Para as europeias e americanas, as mulheres originárias de países subdesenvolvidos são todas analfabetas ou primitivas. Elas desconsideram a pluralidade de vivências que podem existir nesses lugares que costumeiramente analisam com homogeneidade.

Essa visão ocidental resulta em um comportamento prejudicial às mulheres do terceiro mundo. As feministas europeias acabam falando dos problemas desses países emergentes de maneira totalizante, sem deixar espaço para que as pessoas que vivem essas experiências falem. Ou seja, retiram o direito dos protagonistas falarem por si. Isso acarreta na construção de uma visão estereotipada e, conseqüentemente, superficial sobre a condição dessas mulheres.

Dessa maneira, cria-se o discurso do “nós” e “eles”, manifestações semelhantes a “como eles conseguem viver em condições tão precárias? Nós somos diferentes, somos evoluídos”. Sentenças assim são comumente ouvidas até mesmo no Brasil, país em desenvolvimento. Esse fenômeno é interessante, pois se analisarmos a condição da mulher brasileira, por exemplo, teremos algo semelhante às africanas, embora se acredite que haja uma diferença enorme. Até mesmo a concepção sobre o feminismo e a maneira como os brasileiros recebem esses ideais são parecidas com o povo da África.

⁹ Africanas, aqui, trata-se de uma escolha simbólica para nos referirmos às moçambicanas. É importante que seja feita essa distinção, pois mesmo na África, há países em que a visibilidade literária é muito maior.

Robert Badou Koffi em sua dissertação faz uma crítica a essa visão binária que os ocidentais construíram sobre o mundo. Ele diz:

Além do mais, quando o feminismo ocidental quer tratar de assuntos ligados às mulheres do terceiro-mundo, as primeiras imagens colocadas são: mulheres atormentadas e/ou sofrendo agressões constantes, analfabetas, pobres, sem direitos, sem voz. Todavia, o interessante é saber se realmente o desejo verdadeiro das feministas ocidentais não seria constranger as mulheres do terceiro-mundo, para que elas se conformem com essa imagem de eternas subalternas ou duplamente subjugadas? [...] O discurso das feministas ocidentais seria baseado num esquema binário que apresentaria diferenças entre as ocidentais e as outras mulheres do mundo. (KOFFI, 2010, p. 29)

Baseadas nesses questionamentos, as mulheres africanas buscam distanciarem-se ao máximo das denominações ocidentais sobre a condição feminina – salvo algumas exceções. Algumas teóricas buscaram outras denominações para as suas reivindicações na sociedade africana. Koffi (2010) apresenta algumas dessas conceituações, que serão exploradas a fim de compreendermos a maneira como essas mulheres querem se identificar nos estudos feministas.

Werewere Liking, autora africana citada por Koffi, criou a palavra *misovire* a fim de denominar “uma mulher que não consegue encontrar um homem admirável” (LIKING, 1983 apud. KOFFI, 2010, p. 39). Assim, o *misovirisme* representa a insatisfação da mulher com os homens africanos que não correspondem aos seus interesses para uma África mais igualitária.

Féminitude é outra terminologia, criada por Calixthe Beyala, para designar interesses femininos. Beyala afirma que a *féminitude* é diferente do feminismo porque retrata as mulheres que desejam condições melhores sem eximirem-se de seus deveres como mulher. Por exemplo, elas lutam por uma vida mais livre, mas sem excluir o exercício da maternidade. Dessa maneira, Beyala defende a *féminitude* com uma abordagem mais universal, feminina e sem guerra de gêneros. A autora acrescenta “[...] não se quer um prelúdio à guerra, mas um debate universal.” (BEYALA, 1995 apud. KOFFI, 2010, p. 42).

Chikwenye Ogunyemi apresenta a terminologia *african womanism* que diz respeito às mulheres que lutam para a sobrevivência de um povo mais democrático. Uma *womanist* acredita que as mudanças no sistema patriarcal funcionam de uma

maneira diferente das comumente utilizadas pelas feministas ocidentais. Elas reivindicam seus direitos aliadas aos homens.

Essas terminologias nos auxiliam a compreender a percepção das africanas sobre o feminismo. Embora sejam diferentes denominações, a função delas é semelhante: negar o feminismo ocidental. E, além disso, enfatizar que a luta delas se dá junto ao homem, e não em conflito com ele.

São várias as manifestações que as africanas utilizam para enfrentar o sistema patriarcal. Neste trabalho analisaremos a escrita feminina africana a partir da perspectiva da escritora Paulina Chiziane em seu romance *Niketche: uma história de poligamia*.

A produção literária em Moçambique é algo bastante recente, pois o índice de analfabetismo no país impede que esse quadro seja diferente. Em uma pesquisa realizada por Olga Iglésias (2007) em parceria com a OMM (Organização da Mulher Moçambicana) e publicada no livro *A Mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*, a autora apresenta alguns dados que deixam clara a situação do país. As estatísticas¹⁰ mostram que em 2003 apenas 45,2% da população adulta era alfabetizada em Moçambique. Desse índice, apenas 32,7% são mulheres, e os outros 63,5% são homens.

A partir desses dados, percebe-se que para as mulheres a situação é ainda mais grave. Uma das explicações pode ser dada ao fato de elas serem obrigadas a frequentar a escola de mulheres, onde a educação é baseada nos afazeres domésticos e nos diferentes meios de agradar ao marido. Essa escola é considerada pelo povo como uma boa oportunidade de preservar a cultura africana.

Alicerçados nesses números, compreendemos o porquê de a escrita ser tão recente. Além disso, os moçambicanos passaram por um momento de silenciamento devido à colonização portuguesa.

Somando esses aspectos, entendemos a causa de uma literatura por vezes denunciativa. Na análise de *Niketche*, observaremos o que Sunday Bamisile em sua tese intitulada *Questões de gênero e da escrita no feminino na literatura africana contemporânea e da diáspora africana*, defendida na Universidade de Lisboa, aponta sobre a produção africana feminina:

¹⁰ Pesquisa mais recente acerca desses índices. Este dado confirma-se na seguinte fonte: (http://www.indexmundi.com/pt/mocambique/taxa_de_alfabetizacao.html), acesso em 09/06/2015.

Paulina Chiziane é a primeira romancista em Moçambique e vai procurar, precisamente, dar-nos uma visão contemporânea da mulher moçambicana, que vive dividida entre a necessidade da manutenção e o respeito pelas tradições que lhe dão identidade própria, mas que se sente também compelida a reflectir e a reformular o papel da mulher na actualidade do seu país e, por extensão, em África e no mundo. (BAMISILE, 2012, p. 388)

A análise que se segue pretende acentuar a condição em que a mulher moçambicana vive em uma sociedade patriarcal. Pretende-se também buscar traços feministas (aqui, tanto ocidentais quanto africanos) na obra de Paulina Chiziane. Além disso, através da análise literária, buscaremos dar voz a essas mulheres - representadas pelas personagens de Paulina - silenciadas por tantos anos.

3 NIKETCHE: TRANSGREDINDO A TRADIÇÃO

Niketche é o quarto romance de Paulina Chiziane. Publicado em 2002, a obra busca transgredir a tradição a partir da personagem Rami, que ao se descobrir traída por seu marido, Tony, une-se às suas rivais para lutar contra uma sociedade patriarcal. Para compreender a construção desse romance, é necessário que contextualizemos a história da autora. De onde ela escreve? Para quem ela escreve? Por que ela escreve? Fundamentados nesses questionamentos, descobriremos de que maneira a história de Chiziane reflete em sua literatura.

3.1 A CONTADORA DE HISTÓRIAS

Eu escrevo para existir, eu escrevo para mim. Eu existo no mundo e a minha existência repete-se nas outras pessoas. E neste caso é um livro, que depois será lido. (Paulina Chiziane, 2011)

Paulina Chiziane nasceu em 1955, na cidade de Manjacaze, província de Gaza, no sul de Moçambique, uma região, como dito pela autora, patriarcal por excelência. Chiziane estudou até seus 19 anos, idade em que se casou e teve que interromper a vida acadêmica para cuidar dos filhos.

Durante sua vida, Chiziane presenciou todas as guerras de seu país, desde a colonização até a guerra civil. A título de esclarecimento, Moçambique foi um país colonizado por Portugal, a ocupação não foi pacífica, houve resistência de vários povos liderados por Mawewe, Muzila, Ngungunhane, Komala, Kuphula, Marave, Molid-Volay e Mataka¹¹. Em 1962, iniciaram-se as lutas pela independência que foi dirigida pela FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), só em junho de 1975 conquistaram a libertação. No entanto, a partir dos anos 80, iniciou um conflito entre a FRELIMO e a RENAMO (Resistência Nacional de Moçambique) em que disputavam o poder pelo governo de Moçambique. Após essas revoluções, Chiziane afirma que o país está em um momento de reflexão, o que chamamos de silenciamento, processo que as pessoas passam para compreender os acontecimentos.

¹¹ Informações encontradas no site do Governo de Moçambique: <http://www.portaldogoverno.gov.mz/Mozambique/resHistorico#top>.

O que eu diria nesse momento, como escritora, é que nós estamos em uma espécie de reflexão histórica. Portanto, tivemos a colonização portuguesa que partiu, mas depois começamos a conviver com outras pessoas vindas de outros cantos do mundo. [...] Vamos tentar reatar as relações com o nosso passado. (CHIZIANE, 2013)¹²

A escritora é a primeira romancista de Moçambique. Apesar de afirmar que ainda não há uma literatura moçambicana, e sim esboço dela, acredita ser a precursora da escrita no país. Afirma ainda que os escritores estão por chegar para narrar a história de Moçambique, ainda há muito para ser contado sobre as tradições pré-coloniais. Mesmo que a autora seja considerada uma romancista, Chiziane recusa esse título, assim como o de feminista.

Eu acho que o mundo está habituado a pôr rótulos em todas as coisas. Nós queremos liberdade, mas as pessoas nos rotulam e a partir do momento em que a pessoa é rotulada de alguma coisa tem que pertencer a esse gueto. Romance é algo europeu, pelo menos veio com os europeus para o nosso país, faz parte da academia europeia. Eu sou africana, contacto com o romance, sim. Agora se eu se aceito ser romancista, eu tenho que cumprir com as normas do romance, e eu não quero. Eu quero escrever com liberdade, aquilo que me dá na cabeça. Porque se eu me apresento ao mundo como romancista, as pessoas vão querer cobrar de mim aquilo que são as regras de um bom romance. Estou a fugir das regras, é só isso. (CHIZIANE, 2013)¹³

A militância revolucionária de Chiziane em sua adolescência fez dela uma escritora bastante questionadora. A sua inserção na AEMO (Associação dos Escritores Moçambicanos) sofreu bastante resistência dos homens que ali estavam. Após sofrer muito preconceito, e ser taxada como louca por enfrentar essas pessoas, Chiziane conseguiu publicar suas obras.

As obras de Paulina Chiziane sempre trazem a mulher como protagonista, desconstruindo a imagem que os homens, em sua literatura, faziam do feminino. A mulher deixa de ser objeto de desejo e passa a narrar seu cotidiano e seus

¹² Transcrição de entrevista concedida ao canal TDM de Macau. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=yYlwTj7afJA.

¹³ Transcrição de entrevista concedida ao canal TDM de Macau. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=yYlwTj7afJA.

sentimentos sobre sua posição na sociedade. Chiziane faz da literatura um meio de retirar a mulher da marginalidade incumbida a elas por séculos. A autora narra histórias contemporâneas em que presenciamos o conflito entre o moderno e a tradição.

As suas personagens, em especial as do romance *Niketche*, já não toleram a concepção de que mulher seja sinônimo de trabalhos domésticos e subserviência ao homem. As mulheres se unem contra o sistema patriarcal, mas as ações delas sempre são barradas pela tradição que as impede de prosseguir na luta.

A revolta contra o patriarcado presente nas obras de Chiziane a caracterizam como escritora feminista. Embora a autora afirme que só conta histórias de mulheres com quem conviveu, há traços que confirmam um discurso feminista em sua escrita. A fim de esclarecer a diferença entre discurso feminista e discurso no feminino, as críticas Solange Silva e Patrícia Rainho, em seu texto intitulado *A escrita no feminino e a escrita feminista em Balada do Amor ao Vento e Niketche, uma história de poligamia*, explicam:

Discurso no feminino como aquele que representa um universo feminino ficcional visto, vivido e sentido por uma mulher, a revelação de uma vida no feminino. O **discurso feminista** tem uma funcionalidade outra que, enquanto discurso político e ideológico, resulta antes de uma espécie de evolução cultural e revela um leque de estratégias discursivas (tal como o discurso pós-colonialista) que o distinguem de uma mera escrita no feminino, passando antes pelo questionamento e pela denúncia de valores opressores da liberdade de identidade, impostos. (RAINHO; SILVA, 2007, p. 520-521)

Obviamente, a escrita de Chiziane tem traços do discurso no feminino, mas ao contrário do que ela afirma, há também traços do discurso feminista, pois denuncia as contradições da sociedade moçambicana e ainda questiona a condição da mulher na tradição desse povo. O feminismo de Chiziane é sutil, mas ainda busca modificar o povo moçambicano, e por consequência da África, a partir da escrita.

3.2 RAMI: A VOZ DAS MOÇAMBICANAS

Estas mulheres simbolizam a dor do mundo. Bebo suas dores, os seus sentimentos. (CHIZIANE, 2002, p. 104)

O romance *Niketché: uma história de poligamia* narra a história da personagem Rami, uma mulher moçambicana que revolta-se com a posição feminina no seu país. Rami, narradora do romance, foi criada a partir da convenção católica, doutrina imposta pelos colonizadores portugueses. Ela tem um relacionamento monogâmico com Tony – também criado com os mesmos preceitos – eles têm filhos que são criados por Rami, pois como ela é sustentada pelo marido, não (pode) precisa trabalhar e tem tempo livre para as tarefas domésticas. A escolha de Rami como representação da mulher se justifica porque ela vive em um sistema patriarcal, rodeada de tradições machistas e, mesmo assim, questiona essa conjuntura, o que, como veremos, configura um comportamento feminista.

Rami inicia suas contestações feministas a partir da descoberta de que é traída por seu marido, Tony. No entanto, no início do romance, já notamos a presença de um dos preceitos do feminismo africano na fala de Rami. A personagem lamenta a falta do marido para ajudá-la a cuidar da casa e dos filhos. Bentinho, filho do casal, quebra o vidro de um carro, e Rami se vê assustada ao ter que resolver problemas que são de ordem masculina. As lamentações da personagem se seguem pela falta do marido.

Um marido em casa é segurança e proteção. Na presença de um marido, os ladrões se afastam. Os homens respeitam. As vizinhas não entram em qualquer maneira para pedir sal, açúcar, muito menos para cortar na casa de outra vizinha. Na presença de um marido, um lar é mais lar; tem conforto e prestígio. (CHIZIANE, 2002, p. 8)

A ideia de que o homem complementa a mulher vem do feminismo africano. As moçambicanas acreditam que a luta por uma sociedade mais justa se dá junto ao homem e, portanto, é indispensável que ele esteja ao lado de sua mulher para resolver os problemas da casa. Rami já não aceita carregar o fardo de cuidar dos filhos e da casa sozinha, por isso lastima que seu marido não esteja com ela.

Apesar desse episódio inicial já apresentar traços feministas, é na interação com seu espelho, espécie de alter ego da personagem, que surge um discurso mais libertário. Assim que Rami descobre ser traída, sai à procura das amantes de Tony, e ao encontrá-las, entra em uma briga corporal, da qual sai bastante machucada. Ao

chegar em casa, recorre ao espelho em busca de respostas para o seu comportamento. O reflexo mostra-se mais evoluído e ajuda Rami a construir concepções diferentes sobre os acontecimentos a sua volta. O espelho a alerta “agrediste a vítima e deixaste o vilão. Não resolveste nada.” (ibdem., 2002, p. 27). A partir desse momento, Rami compreende que as mulheres não são suas rivais, concepção que se tem das amantes, mas sim suas aliadas em uma causa maior.

A consciência de subalternidade inicia com o reflexo do espelho, no entanto, esse objeto desaparece ao longo do romance, o que nos dá a ideia de que o processo de conscientização da personagem está completo. Afinal, não é preciso que o espelho a alerte para as contradições do sistema patriarcal, Rami já sabe perceber e questionar esses aspectos sozinha.

São várias as situações que Chiziane traz para nos mostrar a relação de poder entre gêneros que existe em Moçambique. Dentre todas, selecionamos algumas dessas circunstâncias que exemplificam bem essa conjuntura. Um dos episódios mais icônicos é a primeira discussão de Rami e Tony, logo que ele retorna a casa. Rami pergunta ao marido sobre as traições e ele afirma:

- Traição? Não me faça rir, ah, ah, ah! A pureza é masculina, e o pecado é feminino. Só as mulheres podem trair, os homens são livres, Rami. (CHIZIANE, 2002, p. 29)

Nesse excerto, Tony delega quem tem o poder subsidiado pela tradição. As mulheres, então, têm o direito de se silenciarem perante essas incongruências e aceitarem que são os homens que têm o poder da decisão. As mulheres são sempre relacionadas às mazelas do povo moçambicano. A associação da mulher ao pecado é algo construído desde a bíblia, onde, segundo Sunday Bamisile (2012, p. 422), o homem negou sua responsabilidade ao afirmar que somente Eva comeu o fruto proibido e destruiu a ordem divina. Logo, a fala de Tony está ligada a essa passagem bíblica, confirmando essa construção machista.

Outra situação que reafirma o poder do homem na sociedade africana é o caso da moela da galinha. Conforme narrado por Chiziane, somente os homens podem comer a moela da galinha e aquelas que violarem essa regra, ou ainda

comerem os melhores pedaços (coxa, peito, etc.) serão penalizadas e, como aconteceu com sua tia, poderão até morrer. A mãe de Rami narra o episódio:

Era domingo e a minha irmã preparou o jantar. Era galinha. Preparou a moela cuidadosamente e guardou numa tigela. Veio o gato e comeu. O marido regressou e perguntou: a moela? Ela explicou. Foi inútil. O homem sentiu-se desrespeitado e espancou-a selvaticamente. Volta para a casa da tua mãe para ser reeducada, disse ele. Já! Ela estava tão agoniada que perdeu a noção do perigo e meteu-se em marcha nas savanas distantes. Caiu nas garras do leopardo nas savanas distantes. Morreu na flor da idade por causa de uma imbecilidade. (CHIZIANE, 2002, p. 100)

Ou seja, o homem decide o que é melhor para os dois e cabe à mulher silenciar e respeitar a decisão. A mulher tem um valor ínfimo nessa construção patriarcal, assim Rami tem um papel fundamental no romance de Paulina Chiziane: dar voz a essas pessoas marginalizadas. Ao longo do romance, as experiências que fazem Rami ter consciência da condição feminina em Moçambique são relatadas por múltiplas vozes, nunca antes ouvidas.

Desse modo, essa característica de Rami também auxilia na desconstrução dos estereótipos criados pelas feministas europeias. As mulheres aqui passam de objeto de estudo para voz ativa de suas vivências. Koffi aponta a problemática do sujeito subalterno não ter voz nos discursos feministas:

Considerando-se como as únicas privilegiadas capazes disso, as feministas do primeiro mundo erigem-se em porta-voz destas “sem-voz” constituídas pelas mulheres dos países em desenvolvimento, o que resulta em uma monopolização do debate sobre a condição feminina. O resultado desse monopólio é as feministas do primeiro mundo acabarem se colocando como o centro de qualquer discurso suscitado pela condição feminina. (KOFFI, 2010, p. 27)

Por esse motivo que a personagem Rami tem importância para os estudos feministas negros. É a partir desses relatos que conseguimos construir um panorama das várias opiniões das moçambicanas sobre a condição feminina de

Moçambique, e assim, juntamente com Rami construímos uma visão crítica sobre essa sociedade.

Um dos conflitos vividos pela personagem Rami é o constante confronto com a tradição. A mulher moçambicana moderna inconformada com as regras incumbidas a ela pela tradição não tem para onde fugir, pois está acorrentada as regras de sua cultura. Nas várias tentativas de Rami em transgredir a tradição, é preterida pela mesma.

Tony e Rami foram criados segundo as normas católicas, visto que o Sul de Moçambique foi mais atingido pela colonização portuguesa, e, por isso, são 'mais civilizados'. A atitude de Tony de ter uma família polígama espanta Rami, e como ela já esperava ao convocar uma reunião de família, causa mesma sensação nos parentes de Tony. No entanto, o julgamento do marido de Rami não é tão severo quanto ela imagina, e eles alegam ter forte ligação com a cultura bantu, e portanto, aceitam esse comportamento de Tony.

Nesse episódio, Rami ao convocar uma reunião de família imaginou que Tony seria humilhado pela família, mas novamente a mulher não tem razão, e o homem, mesmo que indo contra a sua criação, está correto em querer demonstrar sua virilidade para a sociedade africana. A todo o momento em que Rami imagina conseguir violar a tradição, a cultura machista subsidia o homem e menospreza a mulher. Essas contradições fazem com que Rami revolte-se cada vez mais com a sociedade opressora em que vive. No entanto, sufocada pela cultura machista, a personagem vê-se obrigada a retroceder em suas atitudes revolucionárias.

Numa coisa o Tony tem razão: somos máquinas de obediência. Perfeitas. Completas. Se não fôssemos estaríamos já na rua, a gozar todos os prazeres desta vida. Somos obedientes, sim senhor, somos. Por isso estamos aqui gravitando, quais satélites à volta do astro rei. (CHIZIANE, 2002, p. 157)

Além da família de Tony – que representa a tradição moçambicana – também temos os pais de Rami, que em resposta as suas queixas sobre as traições do marido, não dão o suporte que a personagem esperava. O comportamento do pai de Rami ratifica a ideia de uma cultura machista, porque ele dá pouca importância às

lamentações da filha e, em um dos diálogos mais severos do romance, despeja o peso dessa tradição em Rami:

- Se o teu marido não te responde, é em ti que está a falta.

- Que falta, pai?

[...] Fala com desprezo, como quem diz: ó menina, não me traz mais problemas, que já tive tantos nessa vida. E continua o seu discurso:

- As mulheres de hoje falam muito por causa dessa coisa de emancipação. Falas de mais, filha. No meu tempo, as mulheres não eram assim.

Foi difícil aceitar o que estava a ouvir. A minha esperança morreu, sou um caso perdido. Que vergonha eu sinto. Estou desesperadamente a pedir socorro e respondem-me com histórias de macho. (CHIZIANE, 2002, p. 97)

A postura da mãe de Rami é diferente, embora não seja menos tradicionalista. Ela mostra-se mais sensível à situação da filha, isso porque já está acostumada ao sistema em que vive.

- Que tristeza é essa, menina?

Entro num desvairo e conto tudo.

- Eu estou a sofrer, o Tony já não me quer, não me liga. Não dorme em casa, tem outras mulheres, mãe. [...]

A minha mãe responde-me com um sorriso de vitória que me tranquiliza. Estende a mão e coloca no meu rosto uma suave carícia.

- Esse teu marido bonito está apenas a pastar noutras searas, mas há-de voltar. Há por aí muitas mulheres procurando ser ruminada por aqueles dentes de bode. Segura esse marido com as duas mãos. Um homem segura-se, minha filha.

Ela reproduz a ladainha antiga e entoa-me o hino da castidade. (CHIZIANE, 2002, p. 98-99)

A mãe de Rami em uma atitude de resignação passa à filha as normas que aprendeu em sua criação: respeitar os desejos dos homens. Ela aconselha a filha a ter paciência para entender que a tradição é assim mesmo e não há o que se fazer. Essa postura da personagem não é compreendida por Rami, que prossegue com sua inconformidade perante a situação que vive.

Nesse mesmo diálogo que Rami tem com sua mãe, ela questiona se os problemas de seu casamento estão realmente nela, como seu pai afirmou.

[...] Tenho um traseiro que é um encanto para qualquer bantu, eu sei. A Julieta, a outra mulher, tem uma pele mais clara que a minha, Tony deve desprezar-me por ser escura. Até as macondes ele procurou. Tem essa Saly que não sei que mel ela tem, porque é de longe mais feia do que eu. Tem uma macuazinha, mãe, bonitinha, tão levezinha que parece um passarinho. É a Mauá. Mauá Sualé. A voz dela é um canto, os passos dela elegantíssima dança. Tem essa sena. Essa Luísa, que dá cabo do meu sono. Os seios dela são maiores que o meus, mãe, por que me fizeste com estes seios tão pequeninhos? Essa Luísa tem cabelos de seda e eu só tenho este couro de palha, mas isso não é grave. Hei de colocar uns cabelos postiços, lá no instituto de beleza, mãe, isso é fácil, resolve-se. O que acha do meu peso, mãe? Devo emagrecer como essa Julieta? Isso também é fácil, posso corrigir o corpo com massagens e ginástica aeróbica. [...] Por que não me fizeste mais bonita do que elas, mãe? Por que não me deste essas lições de amor, para viver sem dor, minha mãe? (CHIZIANE, 2002, p. 98-99)

Aqui, Rami traz questionamentos que perpassam pelos pensamentos de várias mulheres, não só moçambicanas, de que os problemas de elas serem traídas estão em seus corpos, e não no homem. Por mais que Rami seja consciente da cultura machista a seu redor, ela, por vezes, reproduz um discurso que a reprime e a faz sentir culpada. Rami, assim como tantas outras, por vezes, mostra-se escrava de uma imagem criada pelo mundo masculino em que a mulher precisava atender a todas as expectativas estéticas do homem para criar um relacionamento duradouro. Essa visão, além de eximir o marido de qualquer culpa pelo fracasso do casamento, reforça a máxima de que a mulher precisa ser subserviente ao homem até em sua aparência.

Além desse aspecto, percebemos que na fala de Rami são apresentadas diferentes culturas que são representadas pelas outras mulheres de Tony. Julieta é, assim como Rami, do sul de Moçambique, cidade de Maputo; Luísa veio da Zambézia, zona central do país; Saly, nasceu na cidade de Nampula, ao norte de Moçambique; e por fim, Mauá Sualé, que também nasceu ao norte. Essas culturas, ao longo do romance, entram em conflito porque a percepção dos deveres das

mulheres difere entre o sul e o norte de Moçambique. Temos uma dimensão melhor dessas diferenças a partir da experiência que Rami teve na escola de amor, lugar onde se aprendem os ritos de iniciação da vida sexual. Aqueles que não frequentam as aulas são considerados crianças, como afirma a professora da narradora. Tanto Rami quanto Tony ainda são crianças (CHIZIANE, 2002, p. 37-41)

A narradora salienta algumas dessas diferenças entre regiões.

As mulheres do sul acham que as do norte são umas frescas, umas falsas. As do norte acham que as do sul são umas frouxas, umas falsas. Em algumas regiões do norte, o homem diz: querido amigo, em honra da nossa amizade e para estreitar os laços da nossa fraternidade, dorme com a minha mulher esta noite. No sul, o homem diz: a mulher é meu gado, minha fortuna (CHIZIANE, 2002, p. 36).

No norte, as mulheres, na primeira impressão de Rami, são mais livres, afinal elas ganham mais dinheiro de seus maridos para arrumarem-se. Elas são enfeitadas com mais cores, enquanto que as mulheres do sul, tencionadas pela cultura europeia, são mais sombrias e mais reservadas. (ibidem, 2002, p. 37). Diferentemente do sul, no norte se tem uma cultura matrilinear. Isto é, a mulher precisa ser tratada como mãe de todos, mesmo que ela ainda não seja, o feminino é sinônimo de maternidade. Essa disparidade se explica pelo fato de que a colonização atingiu mais o sul do país, pois toda a economia estava assentada na cidade de Maputo, espaço administrado diretamente pelo governo português. Já o norte serviu para exportar mão de obra para os países vizinhos, a vigilância do estado era menor, afinal as riquezas não estavam concentradas ali¹⁴.

Essas dissemelhanças dão uma falsa sensação de que as mulheres sejam mais livres. Ao analisarmos a postura da professora de Rami, percebemos que em ambas as regiões há a predominância de uma cultura machista, na qual a mulher é submissa ao homem. Notemos a semelhança do discurso da professora com a proferida pelo pai de Rami:

¹⁴ Informações retiradas do site do Governo de Moçambique: <http://www.portaldogoverno.gov.mz/Mozambique/resHistorico#top>.

Digo que sempre cumpri meu papel de esposa: lavar cuecas, coser peúgas, pregar botões das camisas dele. Quando sai de casa bonito, aparece alguém e o carrega todo, todinho, e deixa-me apenas as cuecas por lavar. Por que não o levam todo de uma vez?

- Não culpes as outras pelo teu insucesso. Como tu foram conquistadas e responderam aos apelos do corpo. Os desejos de um homem são desejos de Deus. Não se devem negar. (CHIZIANE, 2002, p. 38)

E, assim como a mãe de Rami, ela aconselha a personagem a não afrontar os costumes moçambicanos.

- No norte, a história da moela por vezes gera conflitos conjugais, que terminam em violência e até divórcios.

- Não é possível! No sul também é assim. Essa tradição devia ser combatida.

- Desafiar? Mudar? Pra quê? Cá por mim devia ser mantida, porque é uma boa isca. Um homem vence-se pela sua gula. (CHIZIANE, 2002, p. 44-45)

Ou seja, por mais que a personagem tente transgredir, é quase impossível que isso aconteça porque ela sempre está atada às tradições. Um dos símbolos mais fortes de que a herança patriarcal está inserida no discurso das mulheres sem questionamentos é o caso da mulher que teve um filho de cada revolução do país. A partir dessa história, Chiziane sensibiliza o leitor com a história da feirante anônima.

Há dias conheci uma mulher do interior da Zambézia. Tem cinco filhos, já crescidos. O primeiro, um mulato esbelto, é dos portugueses que a violaram durante a guerra colonial. O segundo, um preto, elegante e forte como um guerreiro, é fruto de outra violação dos guerrilheiros de libertação da mesma guerra colonial. O terceiro, outro mulato, mimoso como um gato, é dos comandos rodesianos brancos, que arrasaram esta terra para aniquilar as bases dos guerrilheiros do Zimbábue. O quarto é dos rebeldes que fizeram a guerra civil interior do país. A primeira e a segunda vez foi violada, mas a terceira e a quarta entregou-se porque se sentia especializada em violação sexual. O quinto é de um homem com quem se deitou por amor pela primeira vez. (CHIZIANE, 2002, p. 278-279)

E Rami conclui:

Essa mulher carregou a história de todas as guerras do país num só ventre. Mas ela canta e ri. Conta a sua história a qualquer um que passa, de lágrimas nos olhos e sorriso nos lábios e declara: [...] a minha felicidade foi ter gerado só homens, diz ela, nenhum deles conhecerá a dor da violação. (CHIZIANE, 2002, p. 279)

É a partir desse relato que compreendemos a brutalidade do sistema patriarcal. A personagem compreende que ser mulher é uma desgraça do destino e agradece por ter somente filhos homens. Apesar de essa personagem entender que essas tragédias só aconteçam com mulheres, ela acredita que não há solução, a não ser rezar para que não tenha filhas que sofram o mesmo. A incapacidade de questionar essa condição está presente em todas as personagens que narram suas vivências, exceto em Rami que, por mais ceifada que ela seja pela tradição, ainda questiona e busca mudar o sistema em que vive.

Quanto a essa circunstância, Inocência Mata em seu texto intitulado *Mulheres de África no espaço da escrita*, reitera:

Por isso não se pode dizer que as personagens femininas de Paulina Chiziane – que predominam – sejam meras marionetes: na verdade, trata-se de um percurso intelectual que as personagens empreendem (e com elas a leitora) em vista a desmistificação de imagens femininas convencionais que chegam, pela acção auto-reflexiva, ao auto-conhecimento num contexto em que a *alteridade* se transforma em *outroridade*, com estatuto reconhecido, e a *tradição* surge como tempo de renovação cultural para a mulher em Moçambique. (MATA, 2007, p. 438)

Sendo assim, Rami torna-se consciente de sua identidade e seu lugar, ao passo que se coloca do lugar do outro a fim de compreender suas necessidades para juntos construírem uma nova cultura, mais justa e igualitária. Por vezes, Rami soa como uma personagem inconsistente, pois uma protagonista que passou por tantas transformações e evoluiu seu pensamento acerca do sistema, não poderia retroceder sucumbindo à subalternidade novamente. Isso, no entanto, é compreendido pelo leitor após perceber que a tradição impede que Rami faça a mudança em todo um sistema que a deixaria mais à margem que costumeiramente as mulheres estão.

A todo momento Rami progride e recua em sua insubmissão. Ao mesmo tempo em que ela projeta uma revolução com suas “rivais”, na presença de Tony recua e submete-se à subordinação.

- Mudaste tu, meu amor. Deixaste-me a mim e preferiste outras mulheres, Tony. Só estou a seguir-te, obedecer-te. Satisfazer os teus desejos, escrava de todos os momentos.
- És a minha esposa de verdade. Não te devias meter neste tipo de coisas, Rami. (CHIZIANE, 2002, p. 144-145)

Assim, ao passo que Rami mostra-se subordinada a Tony, sua relação com as outras mulheres do marido não se configura da mesma maneira. O título de primeira esposa lhe concede um poder que, em uma espécie de vingança, ela usa contra suas rivais/aliadas. Essas pequenas vinganças se dão a partir da reprodução do discurso machista que Rami ouve de pessoas mais velhas. Ou seja, ela apropria-se do discurso do opressor e o usa contra o oprimido, perpetuando a tradição patriarcal. Constatamos essa característica no excerto a seguir:

Mulher estéril é um ser condenado à solidão, à amargura. Qual a vida da mulher estéril? Marginalidade, ausência. Quais os sentimentos dela? Dor e silêncio. Quais os sonhos dela? Eterna ansiedade, desespero. [...] Uma criatura existindo sem existir. Deformada sem o ser. (CHIZIANE, 2002, p. 136)

Nessa passagem também podemos notar a presença de um pensamento advindo do feminismo africano, que é a valorização da maternidade. A mulher, para essas feministas, tem o dever de ser mãe ao longo da vida. Essa conceptualização confirma-se com o conceito que Koffi apresenta em sua dissertação:

Assim, sempre com o objetivo de defender os costumes e práticas africanas, exibindo os traços que os distinguem da concepção ocidental, as nossas autoras insistem sobre a instituição casamento. O casamento teria só uma função: a da procriação. O que justificaria, por exemplo, que a esterilidade seja mal aceita ou que a sexualidade da mulher seja posta unicamente ao serviço da procriação e da preservação da espécie. (KOFFI, 2010, p. 32)

Apesar desse comportamento tradicional de Rami, há momentos em que ela organiza suas rivais a fim de planejar punições para Tony, retornando a seu posicionamento feminista:

Vou atacar o Tony com a sua própria arma: mulheres. Não se pode dormir com todas as mulheres do mundo, sabe-se. Mas vou incitá-las a ter todas as mulheres do planeta. Todas! Nas minhas têmeoras o cabelo branco já espreita. Sinal de maturidade e sabedoria. Isso é experiência. Estas quatro mulheres à minha frente são as minhas armas e as outras que ainda hão-de vir serão as minhas balas. Veremos quem sairá vencedor! (CHIZIANE, 2002, p. 162)

São numerosos os momentos em que essa movimentação de Rami é verificada. Até o fim do romance essa dubiedade persiste. A protagonista tem uma relação com Levy, amante da segunda esposa de Tony, Julieta. Nessa única noite, Rami engravida e em uma atitude revolucionária, a personagem conta a Tony que o filho que espera é de Levy.

- Rami, é um filho?
Baixo os olhos. Chegou minha vez de chorar.
- Mas como, se...
Não respondo, continuo no meu choro silencioso.
- Diz que é meu, diz e salva-me.
[...]
- Não posso te salvar. Tento salvar-te mas não consigo, não tenho força, sou fraca, não existo, sou mulher. Os homens é que salvam as mulheres e não o contrário.
- Rami!
- O filho é do Levy!
Os seus braços caem como um fardo. (CHIZIANE, 2002, p. 333)

Nesse episódio percebemos novamente a ambiguidade da personagem. Rami transita entre a tradição e a modernidade, e o que pode parecer uma construção inconsistente, na verdade é a representação dos conflitos vividos pelas mulheres moçambicanas contemporâneas.

Outro ponto a ser analisado é o mito de Vuyazi, a princesa que desobedecia o pai e o marido, e retribuía todos os espancamentos que recebia, uma alegoria de

Chiziane para encenar o comportamento de Rami. Quando teve uma filha, se negou a matá-la. E tantas outras recusas a tradição. O marido cansado da insubmissão, pediu ao dragão que lhe desse um castigo, o animal a levou para o céu e a prendeu na lua. Todas os dias de lua cheia, Vuyazi, a princesa insubmissa, está estampada na lua como exemplo para as mulheres que pensam em desobedecer seus maridos. (CHIZIANE, 2002, p. 157). O mito carregado de oralidade, característica da escrita de Paulina, em vez de assustar Rami, desperta certo sentimento de vingança que não pode ser realizado até então pela protagonista contra seu marido.

O ápice da revolta de Rami contra o casamento polígamo (representação do patriarcado) é a dança Niketche. As cinco mulheres empoderadas usam sua beleza em uma dança sensual para derrotar o autoritarismo de Tony.

Somos cinco contra um. Cinco fraquezas juntas se tornam força em demasia. Mulheres desarmadas são mais mortíferas que as cobras pretas. A Saly abre a porta do quarto. A cama estava desmontada e o soalho coberto de esteiras. Achamos a ideia genial e entramos no jogo. Era preciso mostrar ao Tony o que valem cinco mulheres juntas. Entramos no quarto e arrastamos o Tony que resistia como um bode. Despimo-nos, em strip-tease. Ele olha para nós. Os seus joelhos ganham um tremor ligeiro. [...] Tony levanta as mãos à cabeça e depois ao rosto para esconder os olhos e gritar:
- Meu Deus! Por favor, parem com isso, por Deus, que azar é este que me dão agora?! (CHIZIANE, 2002, p. 143)

A dança cuja simbologia é o ponto máximo da contestação contra o poder masculino é um dos primeiros momentos em que presenciamos o poder da mulher moçambicana. Elas dão a Tony o mesmo valor que ele lhes deu durante essa trajetória, o de objeto sexual.

Em relação a esse acontecimento, Sunday Bamisile, afirma:

É tempo de começar uma contradança. A vida, até ali, foi conduzida pelo marido, mas agora o canto que se vai ouvir e a dança que se vai dançar será aquela que há-de celebrar a auto-afirmação de Rami e, com ela, a das outras mulheres moçambicanas. (BAMISILE, 2012, p. 417)

Essa analogia da história de Rami com a dança torna-se pertinente, pois a personagem a todo momento avança e recua – seja por medo, seja em respeito a tradição - em seus questionamentos sobre a condição feminina moçambicana. Rami, porta-voz de uma geração de mulheres africanas inconformadas com o patriarcado, ensaia os passos de uma dança que pode e deverá ser prosseguida e aprimorada pelas mulheres, não só moçambicanas, mas todas que são oprimidas e silenciadas por décadas, milênios e por toda a história do mundo.

4 CONCLUSÃO

Investigar a condição feminina é uma forma de expor a opressão sofrida pelas mulheres cotidianamente, sem deixar que isso seja aceito como cultura. Estudar as relações de poder entre os gêneros é negar os atributos delegados às mulheres. É também rejeitar que mulher seja sinônimo de produtos de limpeza, beleza e de revistas que ensinem a agradar aos homens.

Durante a produção deste trabalho conversei com muitas mulheres: amigas, colegas, familiares, de diversas idades. E todas elas, ao descobrirem que eu estudava a condição feminina, me relataram histórias de abuso. Repito: todas essas mulheres já foram abusadas em algum momento da vida, todas. Oferecer a elas explicações sobre o porquê essas coisas acontecem, e fazê-las enxergarem que o abuso não é natural do homem, que a culpa não é da vítima foi uma das minhas maiores motivações para realizar o trabalho. Comprovar que elas não estão sozinhas e dar-lhes coragem para lutar contra esse sistema foi o meu objetivo principal. A denúncia dessas situações abusivas contra a mulher está presente na obra *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, e como a literatura é o reflexo da cultura, busquei explorar esses aspectos em seu romance.

A partir dessa premissa, textos como de Rita Schmidt (2013), utilizado no primeiro capítulo, fazem todo o sentido. A autora questiona a história da literatura. Afinal, por que em todo esse tempo há tão poucas produções femininas? A resposta é simples: as mulheres foram excluídas desse meio através de sentenças repetidas à exaustão de que elas são menos racionais que os homens. Desde os críticos vitorianos que afirmavam que as mulheres não tinham condições biológicas de escrever porque a caneta se assemelha ao pênis; até Freud que reduz a literatura feminina a romances eróticos e românticos.

A evolução de que as mulheres são cognitivamente tão capazes quanto o homem foi paulatina. Muitos sutiãs precisaram ser queimados, muitas publicações femininas dizendo o contrário tiveram que ser feitas, e ainda assim, para algumas pessoas essa concepção não foi aceita. Se para compreender a mulher é difícil, o que resta para as transgêneros? Nesse ponto Judith Butler (2003) foi crucial para desconstruir os estereótipos da sociedade sobre essas mulheres. Além disso, a autora também nos fez repensar as significações dadas ao gênero.

Embora esses estudos tenham sido essenciais para tentar retirar a mulher da margem, as feministas ocidentais esqueceram das diferenças existentes entre as próprias mulheres. E nessa perspectiva, até então não compreendida por mim, o feminismo africano foi fundamental para a construção da análise de *Niketche*. Com o estudo das teóricas africanas percebi que os discursos machistas que elas enfrentaram são muito semelhantes aos proferidos no Brasil. A noção de que feministas querem uma guerra dos sexos é articulada tanto por brasileiros como por africanos nacionalistas.

Como representação dessas teorias tive a Rami. Paulina Chiziane, a primeira romancista moçambicana, ou como ela se intitula a contadora de histórias, ao narrar a história do cotidiano feminino de Moçambique quebrou muitos paradigmas sobre a sociedade africana.

O romance, que é carregado de oralidades, o que se explica pela familiaridade da autora com conversas à beira da fogueira, demonstra todas as contradições da mulher contemporânea.

Rami transita entre a tradição e o moderno, o que é bem representativo para quem estuda o feminismo negro, pois sabemos que os africanos se dividem entre os que não querem os ideais feministas corrompendo a cultura, e aqueles, como Chimamanda Adichie, que acreditam que o feminismo é uma evolução da cultura. Rami está entre essas duas correntes, ao mesmo tempo em que ela contesta o discurso do pai sobre relacionamentos, também acredita ser superior às outras mulheres de Tony por ter o título de primeira esposa.

Por vezes, a personagem sucumbe aos desejos do marido e se conforma em cuidar dos filhos em casa e respeitar todas as decisões dele. Rami, que vive em uma sociedade machista por excelência, tenta a todo momento transgredir a tradição, mas é sempre tolhida pela mesma. E esse processo se dá de muitas maneiras, desde sua relação com a família até os diálogos com o marido, porém a situação mais severa é a repressão que Rami faz em si. A conversa que tem com a mãe encena claramente essa repressão, Rami (de tanto ouvir dos outros que a culpa é dela do relacionamento estar ruim) em uma atitude desesperadora questiona a mãe porque ela a fez tão feia. Em constante comparação a suas “rivais”, Rami lamenta a própria imagem, o que para o feminismo é bastante significativo, quantas mulheres

tornam-se escravas da beleza para se adequarem ao que o imaginário masculino espera delas.

Rami dá voz às moçambicanas insatisfeitas com o sistema patriarcal, uma das características mais marcantes. Os relatos ouvidos por ela ao longo da narrativa fazem do romance um ícone máximo do feminismo africano, pois deixa o sujeito falar por si. Conhecer as experiências dessas mulheres fictícias, acompanhada de Rami, ampliou minha percepção sobre a condição feminina. Construí novos conceitos e desconstruí muitos deles também.

Aliás, se eu precisasse resumir o processo de escrita dessa monografia em uma palavra seria desconstruir. Eu precisei me desconstruir para fazer essa pesquisa, destruir todos os estereótipos e me manter sempre acessível para repensar e desconstruir tudo novamente. Nesse quesito, Rami foi uma ótima professora. Durante a leitura, as minhas conclusões sobre ela mudaram inúmeras vezes. Como a personagem, os teóricos estudados me atingiram da mesma maneira, para compreendê-los tive que mudar minhas percepções a todo momento. O que me faz concluir que a pesquisa literária é um constante desconstruir-se.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *Intervenções feministas: pós-colonialismo, poder e subalternidade*. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, vol. 21, n. 2, p. 689 – 700, 2013.
- BAMISILE, Sunday Adetunji. *Questões de gênero e da escrita no feminina na literatura africana contemporânea e da diáspora africana*. 2012. 418 p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa – Lisboa. 2012.
- BAYER, Adriana Elisabete; JORGE, Adriana. *Entre o arcaico e o moderno: a mulher moçambicana busca celebração da vida em Niketche: uma história de poligamia*. IN: Seminário internacional fazendo gênero 8, Florianópolis. 2008.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. *Passageiras da voz alheia*. IN: BRANCO, Lucia Castello Branco; BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.
- CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia*. São Paulo: Co]mpanhia das Letras, 2002.
- FERNANDES, Maria de Fátima. *Leituras de/sobre gênero nas literaturas africanas de língua portuguesa: olhares e percursos*. In: Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura, Universidade de Brasília - Brasília, 2011.
- GOVERNO DE MOÇAMBIQUE. *Resumo Histórico de Moçambique*. Disponível em: <<http://www.portaldogoverno.gov.mz/Mozambique/resHistorico#top>>. Acesso em 11/06/2015.

INDEX MUNDI. *Moçambique: taxa de alfabetização*. Disponível em: <http://www.indexmundi.com/pt/mocambique/taxa_de_alfabetizacao.html>. Acesso em 10/06/2015.

IGLÉSIAS, Olga. *Na entrada do novo milénio em África: que perspectivas para a Mulher Moçambicana?*. IN: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante (org.). *A mulher em África*. Lisboa: Editora Colibri, 2007.

KIVE, Eduardo. *Paulina Chiziane: o símbolo feminino na literatura moçambicana*. Disponível: <http://bu.furb.br/sarauEletronico/index.php?option=com_content&task=view&id=213&Itemid=1>. Acesso em 10/06/2015.

KOFFI, Robert Badou. *A consciência da subalternidade: trajetória da personagem Rami em Niketche de Paulina Chiziane*. 2010. 106 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.

LAURETIS, Teresa. *A tecnologia de gênero*. IN: HOLLANDA, Heloísa Buarque. *Tendências e impasses: feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MAYORGA, Claudia. et. al. *As críticas ao gênero e a pluralização do feminismo: colonialismo, racismo e política heterossexual*. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 21, n. 2, p. 463 – 484, 2013.

MATA, Inocência. *Mulheres de África no espaço da escrita: a inscrição da mulher na sua diferença*. IN: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante (org.). *A mulher em África*. Lisboa: Editora Colibri, 2007.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Bordejando a margem (escrita feminina, cânone africano e encenação de diferenças)*. IN: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante (org.). *A mulher em África*. Lisboa: Editora Colibri, 2007.

ROCHA, Aline Matos. *Pensar o invisível: as mulheres negras como produtoras de pensamento filosófico*. 2014. 33 p. Monografia (Licenciatura em Letras) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília – Brasília. 2014.

SATO, Fabiano. *Laerte: “não gosto de bater o martelo e dizer sou homem, sou mulher”*. Disponível em: <http://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2015/05/laerte-nao-gosto-de-bater-o-martelo-e-dizer-sou-homem-sou-mulher.html>>. Acesso em 14/06/2015.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *A história da literatura tem gênero? Notas de um tempo (in) acabado de um projeto*. IN: Anais do X Seminário Internacional de História da Literatura, Porto Alegre: EdiPucrs, 2014.

SILVA, Solange; RAINHO, Patrícia. *A escrita no feminino e a escrita feminina em Balada de Amor ao Vento e Niketche, uma história de poligamia*. IN: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante (org.). *A mulher em África*. Lisboa: Editora Colibri, 2007.

SHOWALTER, Elaine. *A crítica feminista no território selvagem*. IN: HOLLANDA, Heloísa Buarque. *Tendências e impasses: feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SPIVAK, Gayatri. *Quem reivindica alteridade?*. IN: HOLLANDA, Heloísa Buarque. *Tendências e impasses: feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dívida: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2006.

TDM DE MACAU. *A páginas tantas: Paulina Chiziane*. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=yYlwTj7afJA>. Acesso em 04/04/2015.

TEDX TALKS. *We should all be feminists: Chimamanda Ngozi Adichie*. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc>. Acesso em 12/05/2015.